

Folkcomunicação e Cultura Pop Periférica: a potente comunicação das batalhas de rima no Vergel do Lago em Maceió¹

Amaro Xavier Braga Júnior²
Jordana Gomes Barros³
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Palavras-chave: folkcomunicação; cultura pop periférica; batalhas de rima.

Introdução

Contextos marcados pela desigualdade e processos de invisibilização, tornam as manifestações culturais espaços para expressar resistência, permitindo que grupos historicamente marginalizados produzam e compartilhem suas próprias narrativas. Neste contexto destacam-se as batalhas de rima como práticas que articulam oralidade, arte e crítica social, transformando a palavra em ferramenta de protagonismo e ocupação de espaços de fala, fazendo da comunicação um importante instrumento de produção de sentidos, construção de identidades e participação social.

Para compreender como processos comunicacionais presentes nas batalhas de rima podem ser entendidos como formas legítimas de comunicação, esta pesquisa articula a perspectiva da folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão (1980), como instrumento teórico-metodológico que busca compreender as potências comunicacionais da cultura pop periférica na comunidade do Vergel do Lago, em Maceió, Alagoas.

Fundamentação teórica-metodológica

Para a folkcomunicação as mensagens são elaboradas em linguagens familiares à audiência, utilizando expressões, símbolos, experiências e referências que fazem sentido para aquele grupo isto é o que explica Beltrão (1980), acrescentando que o comunicador conhece a realidade, os valores e os problemas do público com quem se comunica, pois faz parte da mesma comunidade ou compartilha experiências semelhantes. Por isso, a comunicação torna-se mais acessível, compreensível e significativa. Desse modo,

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Sociologia. Mestre em Sociologia. Mestre em Antropologia Social. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais. Professor do Instituto de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Alagoas.

³ Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Especialista em Linguística e Ensino de Línguas. Professora pela Secretaria E-mail: jordana.barros@ichca.ufal.br

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (Beltrão, 1980, p. 28).

Isto significa que a folkcomunicação é eficaz para embasar pesquisas que tratam de batalhas de rima porque quem comunica e quem recebe a mensagem compartilham referências culturais e experiências de vida, tornando a comunicação participativa e representativa da realidade vivida pelo grupo. Isso ajuda a explicar por que manifestações como as batalhas de rima se tornam importantes espaços de expressão nas periferias, uma vez que, quem está no palco também é parte da comunidade e compartilha dos mesmos espaços e mesmas lutas da audiência.

Assim, a folkcomunicação permite analisar manifestações contemporâneas produzidas por grupos populares se inserindo nos processos comunicacionais que possibilitam sua circulação, apropriação e transformação, pois

A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura [...] se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo. (Hohlfeldt, 2003 *apud* Teske, 2013, p. 683).

As batalhas de rima, que segundo Rocha (2015, p. 240) são duelos formados por improvisadores que usam o *freestyle*, e que esse movimento jovem de “participar de batalhas de rimas improvisadas torna-se um objetivo para muitos jovens e vencer uma disputa no Duelo uma grande realização pessoal”, e compreender esses fenômenos de identificação é de interesse da folkcomunicação porque constituem práticas comunicacionais produzidas na periferia, baseadas na oralidade e na cultura local, que preservam seu caráter de expressão comunitária, crítica social e construção de identidades. Assim, elas exemplificam como a cultura popular produz seus próprios processos de comunicação e negocia constantemente seus significados com outros sistemas comunicacionais.

Como parte do movimento hip hop, as batalhas de rima, de acordo com Soares (2013, p. 144) é uma “expressão afrodiaspórica introduzida no Brasil a partir dos ‘bailes

black’. [...] no início da década de 1970”, e que funcionam como canais de comunicação popular, nos quais mensagens são construídas e transmitidas por meio de linguagens próximas da realidade dos participantes.

São os participantes os responsáveis pelas produções comunicacionais que circulam na periferia, comunicações estas que tencionam as estruturas hegemônicas. É interessante lembrar que Beltrão (2001, p. 258) defende que “todas as revoluções da nossa história, que tiveram êxito e traçaram novos rumos à vida política brasileira, tiveram participação efetiva de dois brasis”, um brasil que está próximo do urbano e dos meios de comunicação em massa e outro brasil que está à margem, que tem participação limitada nos processos de decisões políticas e culturais e que por assim permanecerem (re)criam formas de comunicar e de resistir.

Logo, a cultura pop periférica se organiza a partir dessa (re)criação estabelecendo diálogos e conexões com narrativas que se fazem presentes a partir da musicalidade que, como destaca Moassab (2008, p. 93), “o movimento hip-hop em especial e também as novas artes periféricas, atribuem um sentido de periferia através de um discurso produzido nas próprias periferias e não imposto ou copiado de fora”. Nas batalhas, os MCs⁴ produzem discursos que ressignificam a periferia, apresentando-a não apenas como um lugar de carências, mas também de cultura e criatividade.

Os MCs são sujeitas e sujeitos periféricos protagonistas nas batalhas de rima, e D’Andrea (2020) esclarece que “periferia” era um termo presente em uma série de movimentos populares nos anos 70 e 80 e que se referiam a partidos políticos e sindicatos e a partir disso se estabelece também a nomenclatura sujeitos periféricos, mas, ainda, não estava ligado a nenhum estigma, onde, mais tarde, foi imputado ao termo “periferia”, e outras nomenclaturas que advém desse termo, estereótipos de violência e pobreza.

As batalhas de rima são expressões dessas sujeitas e sujeitos periféricos que desenvolvem formas próprias de se comunicar, compreendendo o termo “comunicar” a partir de Sodré (2014) em que deriva do latim e significa “partilha”, ou seja um envolvimento entre quem comunica, quem recebe a comunicação e a mensagem comunicada por estar em contexto comum aos envolvidos, levando em consideração o foco na interação. Contudo, este trabalho toma como recorte de corpus um exemplo do

⁴ MCs são os Mestres de Cerimônia. O MC é muito mais do que cantor e compositor, ele é considerado a voz da comunidade. Disponível em: <https://murbbrasil.com/o-que-significa-mc-no-funk/> Acesso em 22/06/2026.

que os MCs chamam de “grito de batalha”, que é uma introdução feita antes do início do duelo entre MCs, com o intuito de tecer análises que dialogam teoricamente com a folkcomunicação.

Análises de um “grito de batalha”

Estabelecendo para nossas análises o grito de batalha a seguir:

MC: *O hip hop hoje sou eu,
Obrigado por me salvar,
Vai matar ou vai morrer.*
Plateia: *Vai morrer ou vai matar*
MC: *Fama, ego, soberba ou poder
O que acontece aqui?*
Plateia: *Batalha PST*
Todos: *Oh, oh, oh...*
MC: *Não brigem*
Plateia: *Se matem*
MC: *Não brigem*
Plateia: *Se matem*
MC: *Rimas em 3, 2, 1...*
Plateia: *Rima!*

Levando em consideração o grito de batalha introduzido por um MC em um evento de batalhas de rima que aconteceu na Praça Santa Tereza, no bairro do Vergel do Lago em Maceió, no dia 05 de junho de 2026. Esse grito, supracitado, evidencia a construção coletiva de sentidos, a participação ativa do público durante a performance, quando entendemos a dinâmica de pergunta e resposta entre o MC e a plateia, então, fica claro que a comunicação não ocorre de forma unilateral, mas sim de maneira horizontal e participativa, característica fundamental da folkcomunicação descrita por Beltrão (2001), nesse contexto, o público deixa de ser mero espectador e assume o papel de coprodutor da mensagem, contribuindo para a construção simbólica do evento.

O grito de batalha é compreendido, nesta pesquisa, como um fenômeno folkcomunicacional, na medida em que promove a circulação de narrativas produzidas pelos próprios sujeitos da comunidade, conferindo visibilidade às suas experiências e formas de expressão. A enunciação da frase “*O hip hop hoje sou eu, obrigado por me salvar*” evidencia a dimensão identitária e transformadora da cultura hip-hop para seus participantes. Esse entendimento é reforçado pelo gesto de outro MC que, enquanto a

frase é proferida, ergue as mãos para o céu, demonstrando identificação com a mensagem e indicando que ela também representa sua própria trajetória.

Figura 1: Obrigado por me salvar!



Fonte: acervo pessoal, 2026.

A figura mostra o MC mais atrás perto da mesa de som, como o microfone na boca declamando o grito de batalha e no momento em que ele diz "*O hip hop hoje sou eu, obrigado por me salvar*" o MC mais a frente, que estava esperando para batalhar levanta as mãos para o céu mostrando identificação com o verso. Sob a perspectiva da cultura pop periférica, o grito de batalha atua como um ritual que fortalece laços comunitários e produz uma identidade coletiva compartilhada pelos participantes.

Ao mesmo tempo, o diálogo "*Vai matar ou vai morrer*" e "*Fama, ego, soberba ou poder*" remete à lógica competitiva das batalhas, mas também pode ser interpretado como uma metáfora das disputas simbólicas travadas no espaço da rima, onde o confronto ocorre por meio da palavra e não da violência física.

A referência direta à "*Batalha PST*" reforça o sentimento de reconhecimento do grupo e do território, transformando o evento em um espaço de visibilidade para sujeitos historicamente marginalizados. Trata-se de uma prática cultural produzida pela própria comunidade, que atribui sentidos à periferia a partir de suas experiências e narrativas, sem depender de representações externas.

Demonstrando assim, que as potências comunicacionais no grito de batalha são as capacidades das batalhas de rima de mobilizar afetos, produzir engajamento e criar processos de comunicação coletiva. A contagem regressiva "*Rimas em 3, 2, 1...*" seguida pela resposta da plateia "*Rima!*" funciona como um mecanismo de ativação simbólica do evento, marcando o início da disputa e fortalecendo a participação dos presentes. Logo, a batalha não é apenas um momento artístico, mas um espaço comunicacional onde

discursos, identidades e experiências periféricas são compartilhados, legitimados e ressignificados coletivamente.

Conclusão

As batalhas de rima constituem espaços de produção cultural em que se observa um processo comunicacional característico da folkcomunicação, no qual os participantes compartilham constroem pertencimento. Além disso, enquanto manifestação da cultura pop periférica, o grito de batalha reafirma o protagonismo dos sujeitos periféricos na produção de suas próprias narrativas, demonstrando que essas práticas de promovem a circulação de narrativas, fortalece identidades coletivas, estimula a participação comunitária e produz espaços de resistência e ocupação simbólica em espaços historicamente marcados pela invisibilização.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos magentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. POA/RS: Edipucrs, 2001.
- D'ÁNDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos**, v. 39, n. 01, p. 19-36, 2020.
- MOASSAB, Andreia. **Brasil Periferia(s)**: a comunicação insurgente do hip hop. Orientador: José Luiz Aidar Prado. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, SP: Editova Vozes, 2014.
- SOARES, Maria Andrea dos Santos. Tá na base: etnografia das performances da fala e do gestual dos rappers da ALVO. In: LUCAS, Maria Elizabeth (org.). **Mixagens em campo**: etnomusicologia, performance e diversidade musical. Porto Alegre: Marcavíslua, 2013.
- TESKE, Wolfgang. Teoria da Folkcomunicação: da origem aos processos folkmediáticos. In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira. (org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo, SP: EDITAE Cultura, 2013. p. 673-691.